

Exercícios de Coesão

E	U	
P	A	S-
S	O	

	T	U
P	A	S-
S	A	S

E	L	E
	R	A-
L	A	

Exercícios de Coesão

Qual será o futuro das cidades?

As megacidades vão mudar de endereço no próximo milênio.

Na periferia da globalização, as metrópoles subdesenvolvidas concentrarão não apenas população, mas também miséria. Crescendo num ritmo veloz, dificilmente conseguirão dar a tantas pessoas habitação, transportes e saneamento básico adequados. Mas não serão as únicas a enfrentar esses problemas. Mesmo metrópoles do topo da hierarquia global, como Nova York, já sofrem com congestionamentos, poluição e violência. Independentemente de tamanho ou localização, as cidades vão enfrentar ao menos um desafio comum: o aumento da tensão urbana provocado pela crescente desigualdade entre seus moradores. Não há mágica tecnológica à vista capaz de resolver as dificuldades. Os urbanistas apontam o planejamento como o antídoto para o caos. Os governos precisam apostar em parcerias com a iniciativa privada e a sociedade civil. Será necessário coordenar ações locais e iniciativas conjuntas entre cidades de uma mesma região.

Caderno Especial, Folha de São Paulo, p.1, 02/5/1999

1. A coesão referencial pode ser realizada por meio de formas cujo lexema (radical) forneça instrução de sentido que represente uma interpretação de partes antecedentes do texto.
Exemplo: Imagina-se que, no futuro, haverá aumento das tensões urbanas. Essa hipótese tem preocupado os cientistas sociais.

Transcreva, do texto acima, apenas a expressão que, na coesão referencial, exerce papel semelhante à do trecho sublinhado no exemplo acima.

2. **As palavras e as coisas**

Guimarães Rosa, possivelmente o maior escritor brasileiro depois de Machado de Assis, dizia que seu sonho era escrever um dicionário.

Ignoro se Rosa gostava de futebol (até onde eu sei, nunca escreveu nada a respeito), mas certamente ele se encantaria com a riqueza vocabular associada ao esporte mais popular do mundo.

Poliglota, cultor dos neologismos formados a partir de diversos idiomas, o autor de “Sagarana” devia se deliciar com as palavras de origem inglesas aclimatadas ao português do Brasil por obra de graça do jogo da bola.

É certo que alguns desses termos ingleses caíram em desuso. É o caso de “off-side” (substituído por “impedimento”), “hands” (“toque” ou “mão”), “center-forward” (“centroavante”) etc.

Outros, entretanto, foram devidamente abrigados e incorporados de tal maneira ao nosso idioma que raramente lembramos de sua origem: “chute” (versão de “shoot”), “beque” (de “back”), “pênalti” (de “penalty”) etc., sem falar no próprio “futebol” (“football”).

Há ainda as palavras inglesas que mantiveram uma vigência praticamente apenas regional, como “corner” ainda muito usada no Rio de Janeiro, mas substituída no resto do país por “escanteio”, “tiro de canto” ou somente “canto”.

Rosa, se acompanhasse o futebol, se deliciaria com a variedade de metáforas produzidas para dar conta do que acontece dentro das quatro linhas.

Há, por exemplo, o recurso a uma infinidade de objetos cujo formato ou movimento lembra o de certas jogadas: carrinho, chapéu, bicicleta, janelinha (expressão gaúcha para bola entre as pernas), ponte. Mas o ramo mais bonito, do ponto de vista de um escritor, deve ser o das metáforas extraídas da natureza: meia-lua, frango, peixinho, folha seca.

Ao criar uma jogada dessas – como Didi, que “inventou” a folha seca –, ou executá-la com perfeição, um craque faz poesia pura, rivalizando com Deus e nomeando as coisas como se estivesse no primeiro dia da Criação.

Guimarães Rosa, infelizmente, não produziu seu sonhado dicionário.

Nunca saberemos, portanto, se o homem que criou a saga fantástica de Riobaldo e Diadorim sabia o significado, dentro do campo de futebol, de uma chaleira, um lençol, um chaveirinho ou um corta-luz. (...)

COUTO, José Geraldo, Folha de São Paulo, 17/07/02.

Do bom uso do relativismo

Hoje, pela multimídia, imagens e gentes do mundo inteiro nos entram pelos telhados, portas e janelas e convivem conosco. É o efeito das redes globalizadas de comunicação. A primeira reação é de perplexidade que pode provocar duas atitudes: ou de interesse para melhor conhecer, que implica abertura e diálogo, ou de distanciamento, que pressupõe fechar o espírito e excluir. De todas as formas, surge uma percepção incontornável: nosso modo de ser não é o único. Há gente que, sem deixar de ser gente, é diferente. Quer dizer, nosso modo de ser, de habitar o mundo, de pensar, de valorar e de comer não é absoluto. Há mil outras formas diferentes de sermos humanos, desde a forma dos esquimós siberianos, passando pelos yanomamis do Brasil, até chegarmos aos sofisticados moradores de Alphavilles¹, onde se resguardam as elites opulentas e amedrontadas. O mesmo vale para as diferenças de cultura, de língua, de religião, de ética e de lazer.

Deste fato surge, de imediato, o relativismo em dois sentidos: primeiro, importa relativizar todos os modos de ser; nenhum deles é absoluto a ponto de invalidar os demais; impõe-se também a atitude de respeito e de acolhida da diferença porque, pelo simples fato de estar-aí, goza de direito de existir e de co-existir; segundo, o relativo quer expressar o fato de que todos estão de alguma forma relacionados. Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. Devemos alargar a compreensão do *humano* para além de nossa concretização. Somos uma geo-sociedade una, múltipla e diferente.

Todas estas manifestações humanas são portadoras de valor e de verdade. Mas são um valor e uma verdade relativos, vale dizer, relacionados uns aos outros, auto-implicados, sendo que nenhum deles, tomado em si, é absoluto.

Então não há verdade absoluta? Vale o *everything goes*² de alguns pós-modernos? Quer dizer, o “vale tudo”? Não é o vale tudo. Tudo vale na medida em que mantém relação com os outros, respeitando-os em sua diferença. Cada um é portador de verdade mas ninguém pode ter o monopólio dela. Todos, de alguma forma, participam da verdade. Mas podem crescer para uma verdade mais plena, na medida em que mais e mais se abrem uns aos outros.

Bem dizia o poeta espanhol António Machado: “Não a tua verdade. A verdade. Vem comigo buscá-la. A tua, guarde-a”. Se a buscarmos juntos, no diálogo e na cordialidade, então mais e mais desaparece a minha verdade para dar lugar à Verdade comungada por todos.

A ilusão do Ocidente é de imaginar que a única janela que dá acesso à verdade, à religião verdadeira, à autêntica cultura e ao saber crítico é o seu modo de ver e de viver. As demais janelas apenas mostram paisagens distorcidas. Ele se condena a um fundamentalismo visceral que o fez, outrora, organizar massacres ao impor a sua religião e, hoje, guerras para forçar a democracia no Iraque e no Afeganistão.

Devemos fazer o bom uso do relativismo, inspirados na culinária. Há uma só culinária, a que prepara os alimentos humanos. Mas ela se concretiza em muitas formas, as várias cozinhas: a mineira, a nordestina, a japonesa, a chinesa, a mexicana e outras. Ninguém pode dizer que só uma é a verdadeira e gostosa e as outras não. Todas são gostosas do seu jeito e todas mostram a extraordinária versatilidade da arte culinária. Por que com a verdade deveria ser diferente?

LEONARDO BOFF
<http://alainet.org>

Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. (l. 14-15)

Identifique a relação de sentido que a oração sublinhada estabelece com a parte do período que a antecede. Reescreva todo o período, substituindo o conectivo e mantendo essa mesma relação de sentido.

- 3.** Na embalagem de um aparelho eletrônico, você encontra um “Termo de Garantia” no qual se leem, entre outras, as informações abaixo:

Este produto é garantido pela Amelco S.A. Indústria Eletrônica dentro das seguintes condições:

1. Fica garantido, por um período de 6 (seis) meses a contar da data da emissão da nota fiscal de venda ao consumidor, a substituição de peças, partes ou componentes que apresentarem defeitos de fabricação, exceto aqueles decorrentes de instalação e uso inadequado em desacordo com as especificações contidas no “Manual de Instruções”.
2. A Amelco não se responsabiliza pelos produtos agregados aos seus pelos consumidores, e ainda por defeitos que esses causarem. (...)
3. Essa garantia será extinta caso:
 - O defeito for causado pelo consumidor ou por terceiros estranhos ao fabricante;
 - O produto tiver sido violado, alterado, adulterado ou consertado por pessoas ou empresas não autorizados pelo fabricante;Sejam interligados ao produto elementos não recomendados pelo fabricante;
Não sejam seguidas as instruções constantes do manual, principalmente quanto à correta instalação e voltagem elétrica.

Considerando o uso corrente, o pronome **esses** (cláusula 2) pode ser interpretado como referindo-se a mais de um antecedente. Aponte dois.

- 4.** **A Velha Contrabandista**

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira mondada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega – tudo malandro velho – começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

- Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse mesmo saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo, e respondeu:

- É areia!

Aí quem riu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e lá só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai!

O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

- Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

- Mas no saco só tem areia! – insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

- Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

- O senhor promete que não “espáia”? – quis saber a velhinha.

- Juro – respondeu o fiscal.

- É lambreta.

(Primo Altamirando e Elas.)

Muito próxima do texto oral, a crônica é um gênero que aproveita alguns recursos típicos da fala, como a repetição para estabelecer a coesão textual. No primeiro parágrafo, por exemplo, a palavra “velhinha” repete-se duas vezes; “lambreta”, três vezes. Pensando ainda nos modos de relacionar as palavras, na frase, especifique outra forma de manter a coesão, empregada também no primeiro parágrafo do texto. Em seguida, explique a diferença de função entre o termo “aí”, ocorrente no terceiro parágrafo, e o mesmo vocábulo, no sexto parágrafo.

5. Texto I

O grande clandestino

(Aníbal Machado)

Eu me distraio muito com a passagem do tempo.
Chego às vezes a dormir. O tempo então aproveita e passa escondido.
Mas com que velocidade!
Basta ver o estado das coisas depois que desperto: quase todas fora do lugar, ou desaparecidas; outras com uma prole imensa;
O que é preciso é nunca dormir, e ficar vigilante, para obrigá-lo ao menos a disfarçar a evidência de suas metamorfoses.
(...)
Contudo, não se deve ligar demasiada importância ao tempo. Ele corre de qualquer maneira.
É até possível que não exista.
Seu propósito evidente é envelhecer o mundo.
Mas a resposta do mundo é renascer sempre para o tempo.

Texto II

O tempo e os relógios

(Cecília Meireles)

Creia-se ou não, todo mundo sente que o tempo passa. Não precisamos olhar para o espelho nem para nenhum relógio: o tempo está em nosso coração, e ouve-se; o tempo está em nosso pensamento, e lembra-se. “Vou matando o tempo, enquanto o tempo não me mata” – respondia-me na Índia um grande homem amigo meu, cada vez que perguntava como ia passando.
(...)

Em todo caso, esses são os tempos grandes. O tempo pequeno é dos nossos relógios.

Muitos recursos linguísticos garantem ao texto a sua coesão e expressividade.

- No texto de Aníbal Machado, os termos “mas” (3º verso) e “contudo” (6º verso) têm a mesma função coesiva e expressiva? Justifique a sua resposta.
- No trecho do texto 2 “Não precisamos olhar para o espelho nem para nenhum relógio: o tempo está em nosso coração, e ouve-se...”, os dois pontos poderiam ser substituídos por um conectivo para ligar as orações. Reescreva o trecho, explicitando esse elemento de ligação das orações.

Gabarito

1. “...esses problemas...” – Depois de tratar de alguns problemas enfrentados pelas metrópoles subdesenvolvidas, como a falta de habilitação, transporte e saneamento básico, o autor afirma que “esses problemas” também serão enfrentados por grandes metrópoles, como Nova York. A expressão “esses problemas” cumpre a mesma função da expressão “essa hipótese”, ao retomar um elemento já citado.
2. A declaração feita na oração sublinhada constitui a causa do que é declarado na oração anterior. Três exemplos de conexão que poderiam ser empregados no lugar do “porque”, para estabelecer essa mesma relação de sentido, são: “visto que”, “já que” e “como”. Com este último, a oração causal passa a introduzir o período.

A oração sublinhada também pode ser entendida como uma explicação ou justificativa para o que é declarado na oração anterior. Neste caso, o elemento de conexão que poderia substituir o “porque” seria a conjunção “pois”.
3. O aluno deve ser capaz de identificar pelo menos dois dos três potenciais antecedentes do pronome **esses**: Consumidores, seus (produtos), produtos (agregados).
4. No primeiro parágrafo, o emprego de pronomes é outra forma de estabelecer a coesão textual. Quando usados, evitam repetições: **que**, pronome relativo, substitui: “velhinha”; **ela**, pronome pessoal, também; **tudo**, pronome indefinido, substitui “o pessoal da Alfândega”.
No terceiro parágrafo, o advérbio **aí** está empregado em sentido próprio, indicando lugar (próximo à segunda pessoa); no sexto parágrafo, o mesmo advérbio indica tempo (“neste momento”).
5. a) Sim. Mas e contudo são conjunções coordenativas adversativas, cuja função é estabelecer relação de oposição ao que está sendo dito antes.
b) “Não precisamos olhar para o espelho nem para nenhum relógio, **pois** o tempo está em nosso coração, e ouve-se...”